

FILOSOFIA DO ESPÍRITO E AS ETAPAS DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA EM HEGEL

Giovani Henrique Pertile

Graduando do Curso de Filosofia – bacharelado da Universidade Católica de Pelotas.
E-mail: giovanihenriquepertile@hotmail.com.

RESUMO:

O presente artigo propõe-se apresentar de modo sucinto a formulação hegeliana das etapas de formação da consciência, a saber, consciência em si, autoconsciência, razão, espírito, religião e saber absoluto. Mostra-se o papel da dialética hegeliana na formação da consciência e como a ideia de processo dialético influenciará a Filosofia posteriormente, especialmente com a divisão dos adeptos de Hegel em direita hegeliana e esquerda hegeliana.

PALAVRAS-CHAVE:

Consciência. História, Dialética, Hegel. Direita hegeliana. Esquerda hegeliana.

ABSTRACT:

The present article proposes to present succinctly the Hegelian formulation of the stages of the formation of consciousness, namely consciousness itself, self-consciousness, reason, spirit, religion and absolute knowledge. We will show the role of Hegelian dialectics in the formation of consciousness and how the idea of dialectical process will influence Philosophy later on, especially with the division of Hegel's followers: Hegelian right and Hegelian left.

KEYWORDS:

Consciousness. History. Dialectics. Hegel. Right Hegelian. Left Hegelian.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Um aspecto que salta aos olhos quando estudamos a filosofia hegeliana é a compreensão do ser humano como um ser histórico e da realidade como mutável. Quando Hegel publica a Fenomenologia do Espírito em 1807, sua preocupação está centrada em apontar o processo de formação da consciência humana, o que ele chama de espírito, que passa por três estágios até que encontre a sua razão de ser fundamental, o espírito Absoluto.

Nessa pequena exposição, vamos apresentar o que Hegel chama de Fenomenologia do Espírito, ou seja, como a consciência percebe-se a si mesma, em relação com o outro, objeto externo a si, e como alcança o Absoluto, que é a plenitude do espírito, momento último nos estágios de formação da consciência humana.

Começamos, pois, por apresentar o conceito de temporalidade hegeliano, mostrando o caráter histórico da consciência, bem como, apresentamos de forma sucinta alguns dos principais conceitos que Hegel usa em seu sistema filosófico para explicar a busca do espírito pelo Absoluto. Depois, faremos uma pequena apresentação da divisão do pensamento hegeliano em direita e esquerda hegeliana e as principais influências dessa divisão na História da Filosofia posterior.

1. O CONTEXTO HISTÓRICO DA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Antes de adentrarmos propriamente no estudo das categorias hegelianas acerca da evolução da consciência do indivíduo histórico – o espírito –, cabe antes fazer uma pequena lembrança sobre o contexto em que Hegel está inserido, sobre o qual vai fundar sua filosofia.

A Alemanha dos séculos XVIII e XIX está vivendo uma situação de caos político: governos ditatoriais, dificuldades econômicas, falta de liberdade e forte censura quanto a qualquer forma de tomada de consciência ou questionamento político, etc.

Na França, pelo contrário, a situação pós-revolução, que abolira a monarquia

absolutista, dando poder à classe burguesa, alegrou a classe intelectual alemã, que sentia a necessidade de uma revolução no seio da sua nação, mas que se sabia impotente, por conta da dispersão e dos interesses divergentes em relação à situação do país.

Desse modo, como bem afirma Paulo Eduardo Arantes, introduzindo a obra de Hegel em Os Pensadores, “enquanto a Revolução Francesa começou por assegurar a realização da liberdade, à Alemanha coube apenas se ocupar com a ideia de liberdade” (1980, p. VI). Os alemães estavam mais preocupados em estudar idealisticamente a revolução e as diversas ciências do que efetivamente ocuparem-se da ação revolucionária em prol da nação.

Esse é, basicamente, o contexto no qual Hegel está inserido e que fará com que ele repense o modo de ver a realidade. E veremos que sua filosofia será um grande sistema em busca de uma resposta para a crise política da sociedade alemã do começo do século XIX.

2. A HISTÓRIA DA FILOSOFIA E A FILOSOFIA DA HISTÓRIA

Se tivéssemos de resumir toda a obra de Hegel em poucas palavras (o que de antemão já resulta uma tarefa nada simples e de credibilidade duvidosa), poderíamos dizer que a grande preocupação que salta aos olhos nas páginas dos escritos hegelianos é o caráter histórico da consciência humana, ou mais amplamente falando, a história como um modo de filosofar, uma busca por fazer filosofia a partir da análise histórica do pensamento do ser humano e suas transformações e alterações.

No discurso inaugural proferido em Heidelberg, por ocasião da sua nomeação como professor na Universidade da predita cidade, em 28 de outubro de 1816, Hegel vai falar de um emudecimento da filosofia e um desvio de foco no olhar filosófico. Tais são as suas palavras:

De facto, parece chegado o momento em que na filosofia se cravam as atenções e simpatias. Depois de ter emudecido, se assim me é lícito exprimir, logra esta ciência de novo

erguer a voz, na esperança de que o mundo, anteriormente surdo aos seus brados, volte a dar-lhe ouvidos (HEGEL, 1980, p. 29).

A sua colocação vai ao encontro da situação em que a sociedade alemã como um todo se encontra, em decadência devido às crises políticas e à falta de coragem na busca por melhores condições, por meio de uma revolução. Hegel continua sua análise, dizendo:

Por um lado, a instabilidade dos tempos atribuiu excessiva importância aos vulgares e banais interesses da vida quotidiana; por outro lado, os elevados interesses da realidade e as lutas em torno deles travadas trouxeram à liça as potências do espírito e os meios externos: a mente não pôde conservar-se livre no exercício da vida interior e superior, nem na esfera da mais pura espiritualidade, de sorte que as naturezas mais bem prendadas se quedaram em parte prisioneiras daqueles interesses e por eles foram sacrificadas (HEGEL, 1980, p. 29-30).

Preocupados com a ideia de revolução, esqueceram-se de travarem revoluções. Preocupados com a ideia de liberdade, deixaram de lutar pela liberdade: tal é a crítica que Hegel faz tendo diante dos olhos a situação ao seu redor.

Por isso, temos em Hegel um elemento que constituirá um dos pontos mais originais de toda sua obra e que mudará daí para frente a direção e o olhar de toda a filosofia. Hegel traz para a discussão filosófica o conceito de História da Filosofia, fazendo ao mesmo tempo uma filosofia da História, fazendo com que os problemas relativos à História da Filosofia sejam eles próprios vistos como problemas filosóficos.

No prefácio à Introdução à História da Filosofia, de Hegel, Joaquim de Carvalho afirma que:

No pensamento hegeliano, História da Filosofia e Filosofia da História compenetraram-se mutuamente e são explicitação do objetivo que visa a

compreender a realidade presente mediante a realidade transata. Os acontecimentos históricos, vividos ou pensados, somente adquirem sentido e explicação quando considerados à luz da ideia para que tendem e de que são explicitação (CARVALHO, 1980, p.14).

É somente compreendendo esse aspecto da filosofia de Hegel que podemos ter condições de passar a analisar o processo de formação da consciência, que Hegel chama de Fenomenologia do Espírito, uma vez que a ideias de tempo e historicidade são a chave de leitura que permitiram a Hegel instaurar uma Filosofia a partir da História.

Interessam na história de um povo as ideias que se originam a partir do desenrolar desta história, e os juízos que vão se fazendo do mundo e das coisas ao redor do ser humano, que se descobre, pouco a pouco, sujeito em movimento, em processo, em mudança. Logo, a história oferece muito conteúdo para ser analisado filosoficamente.

3. A REALIDADE COMO SUJEITO

É famosa a relação de amizade que Hegel estabelece com Schelling, mas famosa também é a ruptura hegeliana com a concepção sobre a "realidade" e o "verdadeiro" schellinguiano. Ao contrário do que pensa Schelling, Hegel vê a realidade não como substância, mas sim como Sujeito. No Prefácio à Fenomenologia do Espírito, ele diz:

Segundo minha concepção - que só deve ser justificada pela apresentação do próprio sistema -, tudo decorre de entender e exprimir o verdadeiro não como substância, mas também, precisamente, como sujeito (HEGEL, 1992, p. 29).

Dizer que a realidade é sujeito, é afirmar que a realidade é movimento, é uma coisa viva, é algo que muda, que se transforma, que passa por processos. E esse movimento próprio da realidade Hegel o explica através de um conceito muito caro a seu sistema: a dialética.

É importante entender a dialética não como um método pelo qual se explica a realidade, mas sim, que a dialética é a própria

estrutura da realidade, que por natureza é movimento, isto é, resultado de uma tese, contraposta a uma antítese, que resulta numa síntese. Uma vez que se chega a uma síntese, esta passa a ser nova tese, que gerará nova antítese, resultando em uma nova síntese. Esse círculo dialético é, precisamente, o motor que move a História da humanidade desde a sua origem.

Vejamos mais sobre a dialética hegeliana.

4. ADIALÉTICA COMO O MOTOR DA REALIDADE

Para explicar o movimento da realidade do qual já fizemos referência, Hegel utiliza-se do conceito da dialética. A dialética é, de maneira bastante simplificada, a dinâmica da história que produz em cada tempo um conjunto de ideias que vão se encontrando, entram em conflito, se chocam e se interpenetram até darem origem a uma nova ideia, diferente e original. Para explicar esse fenômeno, Hegel fala em 1) tese (ou o lado abstrato ou intelectual); 2) antítese (ou o lado dialético estritamente, ou ainda o momento negativamente racional) e 3) síntese (ou o lado especulativo ou positivamente racional).

Num primeiro momento temos uma tese, que é uma ideia ou um modo de pensar ou enxergar o real, que o intelecto abstrai do todo e vai definindo e determinando como verdadeiro. Mas o intelecto não dá conta de conceber toda a realidade, pois, de acordo com Hegel, possui o conhecimento inadequado das coisas, permanecendo no finito e não podendo chegar ao infinito, que se encontra para além dos seus limites.

É preciso então que a razão (razão é diferente de intelecto para Hegel) chegue onde o intelecto não consegue chegar, a saber, além dos limites do finito, onde está a realidade, que é infinito. Para tanto, a razão passa por dois momentos: um negativo e outro positivo. O momento negativo é quando a razão precisa desconstruir a rigidez de certos conceitos que o intelecto abstraiu do todo e formulou como sendo a verdade. Essa desconstrução gera uma série de contradições e oposições que vão caracterizando o segundo momento dialético: a

antítese.

O terceiro momento dialético é descrito por Hegel como “especulativo” ou “positivamente racional”, quando se consegue abstrair dos dois momentos anteriores a unidade que eles comportam entre si, “o positivo emergente da resolução dos opostos (a síntese dos opostos)” (REALE, 1991, p. 109).

Explicando o significado da dialética na filosofia hegeliana, Nicola Abbagnano (1983) nos diz:

A dialética não é para Hegel apenas o método do saber, nem é apenas a lei do desenvolvimento da realidade; é uma e outra coisa ao mesmo tempo. É, em primeiro lugar, o processo mediante o qual a razão se reconhece na realidade que surge como estranha ou oposta à razão, suprimindo ou conciliando essa oposição; mas é ainda o processo mediante o qual a realidade se concilia consigo própria e age na sua unidade racional, superando as diferenças, as divisões, as oposições que constituem os seus aspectos particulares e apaziguando-se na unidade do Todo (p. 85).

Hegel percebe na dialética muito mais que um simples método (nisto podemos perceber uma diferença em relação à filosofia cartesiana, com sua preocupação de estabelecer uma metodologia para o saber). A dialética é essa dinâmica, que nos permitirá agora passar a observação das etapas de formação da consciência, que é explicada por Hegel na Fenomenologia do Espírito. Vejamos:

5. PROCESSO DIALÉTICO DA CONSCIÊNCIA

A consciência é o Espírito no sentido fenomenológico, isto é, aquilo que aparece e se determina, sempre como consciência de algo ou sobre algo, conforme Husserl já deixa claro na sua fenomenologia. Hegel fornece sua explicação sobre a consciência, descrevendo o caminho pelo qual a consciência passa a ser 1) consciência de si; 2) consciência do outro (do mundo ao seu redor) e 3) consciência do Absoluto.

Para explicar esse caminho fenomenológico da consciência, Hegel fala de figuras que vão surgindo e tomando

forma conforme o itinerário de formação da consciência vai sendo projetado. Portanto, temos 1) a consciência propriamente dita; 2) autoconsciência ou consciência de si; 3) Razão; 4) Espírito; 5) Religião; 6) Saber Absoluto.

5. 1. CONSCIÊNCIA COMO CERTEZA SENSÍVEL, PERCEPÇÃO E INTELLECTO

Conforme Reale (1991), a tese hegeliana baseia-se no argumento de que

toda consciência é autoconsciência (no sentido de que a autoconsciência é a verdade da consciência); por seu turno, a autoconsciência se descobre como razão (no sentido de que a razão é a verdade da autoconsciência); por fim, a razão se realiza plenamente como Espírito, que, através da religião, alcança seu ponto culminante no Saber absoluto (p. 114).

A consciência precisa ser consciência de algo. No primeiro estágio, a consciência é consciência de si mesma. É quando o indivíduo se descobre ser dotado de pensamento, quando sabe que sabe. Essa primeira etapa é caracterizada por uma "certeza sensível", que pensa ser a mais verdadeira, mas que se descobre muito limitada. De fato, como já assinalamos, Hegel fala em uma absorção do finito no infinito, e que o intelecto, sozinho, não pode alcançar as categorias do infinito. Essa certeza sensível precisa passar a outro estágio.

Esse percurso ao "saber do saber", como escolhemos chamar a consciência, se divide em três etapas: a) certeza sensível; b) percepção e c) intelecto. A certeza sensível é quando a consciência capta determinado objeto, no sentido particular, este objeto, do aqui e do agora da existência. Nesse momento, o particular manifesta-se contraditório e inseguro. Por isso, passa-se a um estágio superior. Temos a percepção, isto é, o objeto que se revela é contraditório por ser uno e muitos: um só objeto com muitas propriedades. O terceiro momento dessa primeira figura, o intelecto, vê o objeto como fenômeno, isto é, como algo que existe a medida que a consciência pode captar sua existência. Sendo fenômeno, a consciência percebe então sua própria atividade e dá-se

conta de si mesma, temos então a passagem à etapa da autoconsciência.

5.2 AUTOCONSCIÊNCIA

A autoconsciência é quando a consciência "aprende a saber o que ela é propriamente" (REALE, 1991, p. 115). Porém, a autoconsciência vê diante de outras autoconsciências diferentes de si. Nasce aqui a história das autoconsciências no mundo humano. E a primeira imagem que Hegel incorpora à essa análise é a do "senhor e escravo", que segundo ele é própria do mundo antigo. Na Fenomenologia, ele descreve a relação do senhor e do escravo do seguinte modo:

O senhor se relaciona mediatamente com o escravo por meio do ser independente, pois justamente ali o escravo está retido; essa é sua cadeia, da qual não podia abstrair-se na luta, e por isso se mostrou dependente, por ter sua independência na "coisidade". O senhor, porém, é a potência sobre esse ser, pois mostrou na luta que tal ser só vale para ele como um negativo. O senhor é a potência que está por cima desse ser; ora, esse ser é a potência que está sobre o Outro; logo, o senhor tem esse Outro por baixo de si: é este o silogismo [da dominação] (HEGEL, 1988, p. 130).

Numa luta de vida ou morte, as autoconsciências tendem a considerarem-se mutuamente como negativas e inessenciais. Com essa luta, uma das duas autoconsciências torna-se subordinada à outra. Então a consciência escrava trabalha para a consciência senhor, de modo que o senhor só desfruta daquilo que a consciência escrava faz e acaba por desaprender a fazer as coisas, por não exercitá-las e recebe-las prontas pela consciência escrava. Acontece então uma troca de papéis, onde o senhor vira escravo do fazer do escravo.

Por isso, Hegel é levado a concluir que o senhor não pode desenvolver-se plenamente como autoconsciência se não tiver uma outra autoconsciência à mesma altura com a qual se relacionar. Ao contrário da consciência escrava, que no trabalho e na servidão encontra o

sentido de seu ser, e pode tornar-se superior.

Aqui, Hegel analisa a história da humanidade e diz que a autoconsciência só alcança uma plenitude quando depara-se nas etapas do 1) estoicismo; 2) ceticismo e 3) consciência infeliz. O estoicismo nega a dialética senhorio-escravidão, porque para os estoicos esses títulos são apenas "indiferentes". Temos então uma consciência livre que reconhece-se como pensamento.

O ceticismo, por seu turno, nega o mundo, pelo afastamento proveniente do estoicismo. Então nessa etapa temos uma negação da própria autoconsciência, que apresenta-se como contradição. Dessa contradição, pela qual a autoconsciência nega-se a si mesma, temos a consciência infeliz. É importante observar como Hegel chega do estoicismo e do ceticismo à consciência infeliz:

No estoicismo, a consciência-de-si é a simples liberdade de si mesmo. No ceticismo, essa liberdade se realiza, aniquila o outro lado do ser-aí determinado; aliás, melhor dito, se duplica, e agora é para si mesma algo duplo. Desse modo, a duplicação que antes se repartia entre dois singulares - o senhor e o escravo - retorna à unidade; e assim está presente a duplicação da consciência-de-si em si mesma, que é essencial no conceito do espírito. Mas não está ainda presente a sua unidade, e a consciência infeliz é a consciência-de-si como essência duplicada e somente contraditória (HEGEL, 1988, p. 140).

O que Hegel quer dizer é que a consciência infeliz é, no fundo, uma espécie de angústia do ser humano, quando ele percebe, enquanto autoconsciência, que "a única e verdadeira realidade não está fora, mas sim dentro dela" (REALE, 1991, p. 119). A consciência infeliz duplica-se em dois aspectos: um mutável e outro imutável. O mutável é a dimensão divina, de Deus transcendente; a segunda, a do homem. É a consciência própria do período medieval, segundo Hegel. À medida que se aproxima da divindade, a consciência infeliz

percebe sua nulidade e busca unificar-se a Deus, começando, então, um processo de reconhecer-se como sujeito absoluto, como consciência singular, conforme Hegel explica, falando da condição da consciência infeliz, ao descobrir sua singularidade: "A representação da razão veio-a-ser para ela: a certeza de ser a consciência em sua singularidade, absolutamente em si; ou de ser toda a realidade" (HEGEL, 1988, p. 151).

Portanto, a autoconsciência passa a figura seguinte dentro do caminho fenomenológico do espírito: a razão.

5.3. A RAZÃO

Razão como "certeza de ser toda a realidade": eis o estágio no qual se encontra a consciência humana no período do Renascimento e do empirismo. Temos nessa fase uma pretensão da consciência de chegar à essência das coisas. Em todas as pesquisas, o homem busca conhecer-se a si próprio e à sua razão. Quando chega a esse reconhecimento de si, a razão inaugura a fase ética.

De acordo com Abbagnano (1983), "Hegel entende por ética a razão que se tornou consciente de si, na medida em que se realizou nas instituições histórico-políticas de um povo e sobretudo no Estado. É o encontrar-se da razão que age, ou seja, depois de buscar pelas coisas mundanas, a razão (e a consciência por conseguinte) deve buscar os níveis mais elevados de eticidade, começa a busca pelo Absoluto.

5.4. ESPÍRITO

O auge da razão se manifesta no Estado, que Hegel vê como a mais perfeita maneira de a consciência realizar-se racionalmente em busca do Absoluto. O Espírito é a figura seguinte no caminho fenomenológico, onde a consciência, dotada de sua eticidade, torna-se Espírito. Como Hegel afirmou, Espírito é "Eu que é Nós, Nós que é Eu", ou seja, uma unidade de autoconsciências que, juntas, no corpo do Estado, realizam-se plenamente. Podemos destacar três momentos dentro

da compreensão de Espírito: 1) Espírito em si como eticidade; 2) Espírito que se alheia de si; 3) Espírito que readquire certeza de si.

Desde a polis grega, momento primeiro da manifestação do Espírito, vemos a primeira forma de Espírito, com sua eticidade. De fato, a vida ética grega mostra com clareza a primeira etapa do Espírito. Contudo, a vida ética é instável, e surgem conflitos dialéticos que vão dar origem a indivíduos cientes de sua singularidade. O império romano é exemplo, segundo Hegel, desse momento na história do Espírito.

5.5. RELIGIÃO E SABER ABSOLUTO

Passando por todos os períodos da história da consciência humana, Hegel chega ao último estágio, à última figura pela qual o processo fenomenológico do espírito passa para chegar ao Saber Absoluto: a religião.

Na etapa da religião, o espírito toma consciência de si mesmo, chegando à consciência do saber absoluto. Novamente, podemos encontrar três momentos na fenomenologia da religião em Hegel, conforme Reale identifica:

- a) a da religião natural-oriental, que representa o Absoluto em forma de elementos ou coisas naturais (astros, animais); b) a da religião grega, que representa o absoluto em forma humana, ou seja, de sujeito infinito; c) a da religião cristã, que representa o ponto culminante (REALE, 1991, 124).

No cristianismo está o ápice da filosofia do Espírito hegeliana. Quando o homem supera a forma de conhecimento representativo, chega ao saber Absoluto. O Saber Absoluto consiste na última figura do caminho fenomenológico do Espírito, onde a consciência assume sua mais alta forma de ser. Consciência que sabe do Absoluto, dissolvendo-se na infinidade do Absoluto.

6. INFLUÊNCIA HEGELIANA NA FILOSOFIA

Após a morte de Hegel, teremos pelo menos duas posições em relação à absorção de suas teorias, principalmente no campo político, mas também no tocante ao processo de formação da consciência, pois esta leva, em Hegel, ao princípio último e maior na Política, o Estado.

Quatro anos depois da morte de Hegel, em 1835, surge o livro *A vida de Jesus*, de David Friedrich Strauss. Esse livro marca a divisão acirrada entre os seguidores de Hegel. Teremos os hegelianos de esquerda e os hegelianos de direita. Direita e esquerda hegeliana entram em conflito especialmente nos problemas políticos do seu tempo. A direita hegeliana é a que adota o pensamento de Hegel de modo absoluto, sem propor alterações ou retificações. A esquerda por seu turno, adota a dialética hegeliana, mas não faz uso de todos os conceitos da doutrina hegeliana.

Como exemplos da direita hegeliana temos: Karl Ludwig Michelet, Kuno Fischer, Karl Friederich Rosekranz e Karl Prantl. No lado da esquerda hegeliana, destacam-se: David Friedrich Strauss, Bruno Bauer, Max Stirner, Arnold Ruge e Ludwig Feuerbach. O mais conhecido certamente é Feuerbach, que faz uma crítica à tese hegeliana de que o mundo é resultado do espírito. E coloca em xeque também o papel da religião, que na doutrina hegeliana é de caráter fundamental, substituindo a teologia hegeliana por uma antropologia. A partir da obra de Feuerbach é que Engels e Marx desenvolvem sua doutrina filosófica, especificamente os conceitos "dialética materialista" e o "materialismo histórico".

NOTAS CONCLUSIVAS

Hegel é um filósofo que deixou um legado sem precedentes para a História da Filosofia, principalmente em ter mostrado que é possível fazer uma Filosofia da História da Filosofia. Outras contribuições de Hegel, como a consciência historicamente situada, as etapas de formação dessa consciência e

os muitos modos de conceber as relações entre os indivíduos ao longo da história, fazem de Hegel um autor original.

Sobre a divisão entre seus seguidores em direita e esquerda, percebemos que seu sistema abre possibilidade para diferentes interpretações, levando para diferentes caminhos teóricos possíveis. Formulações importantes, como a sua teoria a respeito do Estado como o momento supremo sob o qual o indivíduo deve se curvar, serviu de base teórica para justificar regimes totalitários, por exemplo.

A expressão da filosofia hegeliana por todo o mundo, com representantes ora de direita ora de esquerda, revela uma característica da figura de Hegel que não se pode deixar de observar hoje em dia: o fato de que não é possível falar de um só Hegel, uma vez que o seu pensamento emergiu outros tantos modos de pensar a realidade e serviu de base para muitas teorias importantes, especialmente no campo da Política, com o processo de formação da consciência e seu estágio mais alto, que é a ideia por vezes até mesmo divinizada do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do espírito**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

_____. **Introdução à História da Filosofia**. Traduzido por António Pinto de Carvalho. 4 ed. Coimbra: Arménio Amado, 1980.

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. V. 9. 3 ed. Lisboa: Presença, 1983.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias**. V. 3. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1994.